

O Conflito no Nagorno-Karabakh – Análise do *Statu Quo* Após a Guerra de 2020*

João Gomes

Licenciado e Mestre em Relações Internacionais, detentor de Pós-graduação em Gestão de Informações e Segurança. Investigador e consultor na IPS_Innovative Prison Systems.

Resumo

Recentes desenvolvimentos em redor do Nagorno-Karabakh destacam uma realidade longe de uma resolução. A guerra de 2020 expôs a natureza crescentemente instável do conflito, observável pelo envolvimento de potências regionais e internacionais no terreno e nas opções políticas da Arménia e do Azerbaijão. O artigo centra-se na análise do *statu quo* pós-guerra de 2020, do conflito, dos beligerantes e das supramencionadas potências que o caracterizam atualmente. As principais conclusões apontam para a existência de duas grandes dinâmicas interligadas de natureza competitiva, entre a Arménia e o Azerbaijão, e entre a Rússia e a Turquia, que decorrem paralelas a tendências de cooperação. Simultaneamente, os interesses das potências regionais e internacionais, especialmente num ambiente internacional tenso, deram ao conflito uma natureza duplamente centrífuga e centrípeta, que pode ser catalisadora de conflito, mas também de paz, pelo que tal dependerá essencialmente da evolução de tais dinâmicas.

Palavras-chave: Nagorno-Karabakh; Arménia; Azerbaijão; Rússia; Turquia.

Artigo recebido: 18.10.2022

Aprovado: 31.10.2022

<https://doi.org/10.47906/ND2023.164.04>

Abstract

The Conflict in Nagorno-Karabakh – Analysis of the Status Quo after the 2020 War

Recent developments around Nagorno-Karabakh underscore a reality far from a resolution. The 2020 war exposed the increasingly unstable nature of the conflict, observable by the involvement of regional and international powers on the ground and in Armenia's and Azerbaijan's political options. The article centres on the analysis of the post-2020 war status quo, of the conflict, the belligerents, and the aforementioned powers, followed by an analysis of the main dynamics currently characterising it. The article's main conclusions point to the existence of two main and interconnected dynamics of a competitive nature, between Armenia and Azerbaijan, and between Russia and Türkiye, that run parallel to cooperation dynamics. Equally, the interests of regional and international powers, especially in a tense international environment, gave the conflict a simultaneously centrifugal and centripetal nature, that may be a catalyst for conflict but also peace, and that will essentially depend on the evolution of such dynamics.

Keywords: Nagorno-Karabakh; Armenia; Azerbaijan; Russia; Türkiye.

* Este artigo reflete a posição e opiniões do autor e em nenhuma forma representa a posição ou opiniões da IPS_Innovative Prison Systems ou dos seus colaboradores.

Introdução

A invasão russa da Ucrânia eclipsou, involuntariamente, outros desafios securitários no comumente designado ‘espaço pós-soviético’. Contudo, recentes desenvolvimentos no Nagorno-Karabakh demonstram uma realidade cada vez mais imprevisível, no que toca à evolução do conflito e à relação entre os dois beligerantes, a Arménia e o Azerbaijão. Simultaneamente, tornou-se, especialmente após a guerra de 2020, evidente a internacionalização do conflito, perfazendo hoje parte das dinâmicas de competição e de cooperação entre atores de estatuto regional e internacional, que por si afeta os acontecimentos no conflito. Assim, torna-se especialmente importante entender, de uma forma holística, as dinâmicas subjacentes a este conflito, por forma a melhor compreender as suas características e consequências. Neste sentido, o objetivo deste artigo é o de analisar o *statu quo* do conflito no Nagorno-Karabakh após a guerra de 2020, através de um estudo das suas principais dinâmicas. Este estudo será efetuado através de uma análise documental e de uma abordagem exploratória, e será movido por um enquadramento teórico realista neoclássico. Considerando a centralidade do conflito, mas igualmente as particularidades que assumiu ao longo das últimas décadas, quando comparado com outros conflitos ‘congelados’, este representará, do ponto de vista teórico, o conceito a operacionalizar. Ao nível da estrutura do artigo, importará, primeiramente, entender as raízes e características do conflito, incluindo as circunstâncias relativas aos confrontos de 2020. Segundamente, seguir-se-á uma revisão e análise dos atores do conflito, concentrando na Arménia, Nagorno-Karabakh e Azerbaijão, e na Rússia e Turquia, sem prejuízo de análises a outros atores, quando estas se afigurarem pertinentes para o objetivo do artigo. Terceiramente, serão evidenciadas e analisadas as dinâmicas do *statu quo* atual. Espera-se, com este estudo, contribuir com um entendimento mais holístico acerca deste conflito e das dinâmicas geopolíticas regionais, assim como para o corpo de conhecimento sobre a região dentro do panorama científico nacional.

Considerações teórico-metodológicas e conceptuais

Aspetos teóricos e metodológicos

O conflito no Nagorno-Karabakh¹ opera em vários níveis, diferenciados e interligados, como o da sociedade civil, o nacional e o internacional. Seria útil, assim, reali-

1 Para assegurar a coerência do texto, e considerando a diversidade de nomes, o autor optou por utilizar a designação soviética para o território, dado que o próprio assumiu a configuração territorial do *Oblast* Autónimo de Nagorno-Karabakh, desde o fim da União Soviética e depois da sua declaração de independência. Qualquer menção a Nagorno-Karabakh enquanto entidade governativa não implica o seu reconhecimento por parte do autor.

zar a investigação proposta de uma forma que abrangesse estes níveis, para obter o supramencionado entendimento holístico do conflito. Por isso, o autor optará por realizar esta análise através de uma lente teórica realista neoclássica. O realismo neoclássico almeja, por um lado, complementar o realismo estrutural com a análise interna dos Estados (Ripsman, 2011), ao propor que estes “reagem, em grande parte, aos constrangimentos e oportunidades do sistema internacional quando conduzem as suas políticas externas e de segurança, mas que essas respostas são moldadas por fatores ‘micro’, como as relações Estado-sociedade, a natureza dos seus regimes políticos, cultura estratégica e percepções dos líderes” (Ripsman, 2011, p. 1). Por outro lado, a corrente teórica pretende, igualmente, complementar o realismo clássico e o rigor científico das análises realistas estruturais (Rose, 1998; Ripsman, 2011).

Considerando o papel de extrema relevância que fatores como as percepções públicas das populações, e as relações intercomunitárias entre estas, desempenharam na evolução do conflito, mas também as influências externas nas ações dos beligerantes, crê-se que o enquadramento descrito se enquadra nas análises do conflito e da própria região.

Ao nível do enquadramento metodológico, o autor optará por utilizar as ferramentas da análise documental de fontes secundárias, complementada com uma abordagem exploratória. Relativamente à primeira, e pensando a literatura como “uma importante fonte de conhecimento social” (Moreira, 2007, p. 154), assim como a importância de assegurar a “avaliação e interpretação do material documental” (Moreira, 2007, p. 168) o mais clara possível, optar-se-á pela consulta de um eclético conjunto de autores, que contribuam para a validade e qualidade dos argumentos apresentados. Relativamente ao segundo método, a justificação do seu uso advém da sua utilidade dentro das ciências sociais, nomeadamente por proporcionar ao analista os elementos essenciais a um estudo sobre tendências, por vezes subentendidas, com importância futura (Fazendeiro, 2022).

Problematização sobre a conceptualização do conflito

A centralidade que a disputa no Nagorno-Karabakh assume na presente análise eleva a dificuldade de este não constituir um conflito com uma caracterização simples, considerando as várias dinâmicas estatais e políticas que o rodeiam. Assim, como escreve Simão (2010, p. 3), “apesar de partilhar a maioria das características de outros conflitos prolongados na Eurásia, demonstra um nível de complexidade acrescido”. O território, um enclave dentro do Azerbaijão, mas habitado exclusivamente por arménios, dependeu, desde a primeira guerra, do auxílio do Estado arménio, nos campos político, militar e financeiro, tornando o último numa das

partes em conflito, que por si conferiu a este uma natureza interestatal (Simão, 2010). Esta representa uma das principais diferenças relativamente a outros conflitos ‘congelados’, como a disputa Moldova-Transnístria (1990-1992) e Geórgia-Ossétia do Sul/Tskhinvali (1991-1992) e Geórgia-Abcásia (1992-1993), opondo os países a entidades separatistas, estas últimas apoiadas pela Rússia (de Waal, 2021). O papel russo neste conflito representa a segunda diferença fundamental, dado que, ao invés dos mencionados, onde apoiou ativamente a parte separatista, no Nagorno-Karabakh escolheu manter boas relações com ambas as partes, promovendo alguma paridade militar que mantivesse o conflito ‘congelado’ (de Waal, 2021), apresentando-se como mediador entre os beligerantes.

Contudo, ao longo das décadas posteriores ao seu início, o conflito conheceu evoluções que não se observaram nos restantes. Entre estas, Broers (2015) destaca a progressiva militarização de ambos os lados da Linha de Contacto (LdC)² e os avultados investimentos por parte de ambos os países, a constante securitização do conflito nos discursos políticos das respetivas lideranças, e a consolidação de posições negociais mutuamente exclusivas. Estes processos surgem, subsequentemente, subjacentes a uma tendência mais abrangente, que o mesmo autor identifica como sendo a mutação da natureza local do conflito para uma interestatal, negligenciando as raízes subjacentes à origem da disputa (Broers, 2015). Assim, o autor descreve o conflito como uma “rivalidade perdurante” (Broers, 2015, p. 560), semelhante aos conflitos israelo-árabe, indo-paquistanês ou greco-turco, considerando elementos sistémicos, interestatais e domésticos.

Consideradas estas observações, e com o objetivo de consolidar os elementos suprarreferidos, utilizar-se-á a definição concebida por Simão (2010, p. 3), de que este constitui um conflito “etno-territorial de uma natureza interestatal com elementos de irredentismo e separatismo”. A razão desta escolha advém sobretudo da natureza agregadora dos seus elementos basilares. É assim um conflito étnico, entre arménios e azeris, pela posse de um território – Nagorno-Karabakh – que ambos reclamam como historicamente seu, envolvendo um conflito interestatal, entre a Arménia e o Azerbaijão, onde o irredentismo surgiu como uma força motriz, catalisado, dos dois lados, pela resposta ao desejo, primeiro, da integração karabakhi na Arménia e, depois, da sua declaração de independência. Este conceito torna-se especialmente pertinente dentro do enquadramento teórico escolhido, colocando na mesma análise a interdependência entre os diferentes elementos referidos no conceito do conflito.

2 Linha que separava as forças arménias e karabakhis, de um lado, e as azeris, do outro.

A questão de Nagorno-Karabakh

Não obstante a caracterização efetuada, será relevante entender a história deste conflito. De facto, o território contém um historial de coabitação por arménios e azeris, sendo as relações entre ambos dotadas de desconfiança, mas não de hostilidade, escrevendo de Waal (2010, p. 100) que “as duas nações são os ‘gémeos’ do Cáucaso Sul”. As raízes do conflito remontam principalmente à decisão russa de atribuir, em 1924, o território montanhoso, maioritariamente habitado por arménios³, à República Socialista Soviética azeri, aquando da constituição da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). A desconsideração pela história e demografia de Karabakh, e as décadas seguintes de governação azeri, pautada por políticas de equilíbrio demográfico e de discriminação⁴ cultural e socioeconómica, acabaram por, paradoxalmente, intrinsecar a identidade e irredentismo arménios, ao espelhar a situação com as provações vividas em 1915, pela ação do império otomano, tornando a província no “centro da ideologia política do Estado arménio” (Simão, 2018, p. 153). A abertura do espaço social e político, na URSS, na segunda metade da década de 1980, permitiu a manifestação aberta destes sentimentos, rapidamente incorporados no discurso da oposição e traduzidos no desejo de autodeterminação da população arménia de Karabakh. Os azeris, por seu turno, observaram a possível perda de Karabakh, um território por si considerado como um bastião da sua cultura e identidade, como o prelúdio do fim da sua integridade territorial e da sua nação, inserindo igualmente o território no cerne dos seus movimentos nacionalistas (Souleimanov, 2013; de Waal, 2021).

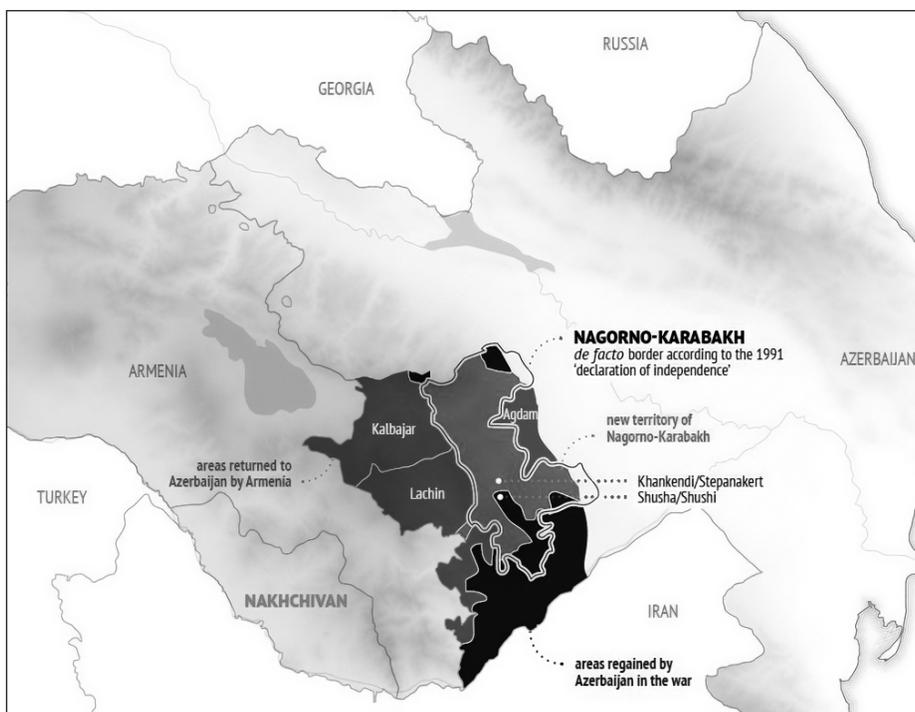
Entre 1987 e 1991, os discursos arménios e azeris radicalizaram-se, reproduzindo-se em ações de violência intercomunitária, destacando-se as expulsões de populações arménias e azeris das repúblicas opostas, e os *pogroms* anti-arménios de Sumgait (1988) e Baku (1990). A guerra, *per se*, começou no final de 1991, quando a Arménia, Azerbaijão e Nagorno-Karabakh declararam as suas respetivas independências. As forças armadas arménias e karabakhis, contendo um nível de preparação política e militar consolidado, mostraram-se superiores ao inimigo azeri, política e militarmente fragmentado por lutas políticas internas e pela falta de um

3 Aproximadamente 94% da população, na altura. A população arménia residente em Karabakh será referida neste texto como ‘karabakhi’, apesar de, em algumas situações, os termos ‘arménio’ e ‘karabakhi’ serem utilizados de forma indistinguível.

4 O início das tensões entre arménios e azeris surge da percepção, da parte azeri, de tratamento diferenciado da Rússia relativamente aos arménios, nomeadamente pelo maior financiamento de Moscovo às localidades maioritariamente habitadas por arménios, assim como as melhores perspetivas de progressão profissional dentro da estrutura da URSS (de Waal, 2010).

comando militar único. Depois de cerca de 20.000 mortos⁵ (de Waal, 2010, p. 98), e de 1 a 1,5 milhões de refugiados e deslocados internos, maioritariamente azeris, os países assinaram os Protocolos de Bishkek e um cessar-fogo entrou em vigor em 12 de maio de 1994. A guerra terminou com a perda de sete regiões azeris, para o controlo arménio e karabakhi, e a independência *de facto* de Karabakh, que não foi reconhecida por nenhum outro Estado. Por seu turno, a Arménia viu a sua fronteira com a Turquia ser encerrada por Ancara, resultado da contestação turca contra a ocupação dos territórios azeris.

Figura 1
Mapa de Nagorno-Karabakh antes e depois da guerra de 2020



Fonte: Rácz, 2021, p.3.

5 O número de mortos não é consensual. Para além do número mencionado, é também indicado o de, no máximo, 30 mil mortos (Souleimanov, 2013, p. 111) e o de 16 mil mortos (Zürcher, 2007, p. 180).

Após os protocolos de Bishkek terem entrado (parcialmente⁶) em vigor, os esforços para a resolução do conflito recaíram na Organização para a Segurança e Cooperação na Europa (OSCE), através do Grupo de Minsk, co-presidido pela Rússia, França e Estados Unidos da América (EUA)⁷. O Grupo foi mandatado para constituir uma plataforma negocial para a cessação das hostilidades e a promoção de um processo de paz (OSCE, 1995; OSCE, 2022). Contudo, não se registaram avanços significativos no processo de resolução. As razões para isto devem-se sobretudo à resistência interna, quer da Arménia, quer do Azerbaijão, assistindo-se à progressiva consolidação dos ressentimentos entre as populações, cuja resistência a qualquer cedência por parte dos seus governos ajudou a entrincheirar as posições de ambos os países (de Waal, 2010; Simão, 2010). Por outro lado, o próprio trabalho da OSCE no terreno limitou-se à facilitação da comunicação entre os beligerantes, que, apesar de importante, ficou aquém do portefólio de ferramentas da organização (Guliyev & Gawrich, 2021).

Assim, o conflito tornou-se ‘congelado’, apesar de a LdC ter continuado a ser reforçada militarmente e os orçamentos dos beligerantes aumentarem progressivamente, tornando os incidentes cada vez mais mortíferos, e aprofundando o falhanço do Grupo de Minsk em tomar passos efetivos na sua resolução (Broers, 2016; de Waal, 2010). A ‘guerra dos quatro dias’, entre 2 e 5 de abril de 2016, evidenciou esta tendência. No seu decurso, o exército azeri realizou uma incursão junto a Nagorno-Karabakh, acabando por conquistar algumas posições a nordeste, este e sudeste do território. Os confrontos terão causado a morte de mais de 100 pessoas, (de Waal, 2016), e demonstraram, de ambos os lados, importantes tendências que viriam a ser decisivas na guerra de 2020. Do lado arménio, evidenciou-se a corrupção que se havia alastrado nas forças armadas e nos círculos políticos, e que viria a ser uma das razões para a ‘revolução de veludo’⁸, entre abril e maio de 2018 (de Waal, 2018; Simão, 2018). Do lado azeri, a vitória, ainda que pírrica, enalteceu as décadas de investimento nas suas forças armadas, tanto ao nível dos efetivos, como dos equipamentos. Adicionalmente, a reação popular fez transparecer um forte

6 Os protocolos incluíam a colocação de uma força de manutenção de paz russa no terreno, mas esta foi rapidamente rejeitada pelo Azerbaijão.

7 Os restantes membros permanentes do Grupo são a Bielorrússia, Alemanha, Itália, Suécia, Finlândia e Turquia, assim como a Arménia e o Azerbaijão. Adicionalmente, os co-presidentes ocupam o cargo de membros permanentes, através de uma base rotativa (OSCE, 2022).

8 Em 2015, face à prospetiva do fim do mandato (não renovável) de Serzh Sargsyan como presidente da República, o mesmo promoveu uma alteração à Constituição que esvaziou os poderes do presidente e reforçou os do primeiro-ministro, indicando simultaneamente que não se iria candidatar ao cargo. Contudo, na sequência das eleições, o Partido Republicano nomeou Sargsyan para primeiro-ministro, originando múltiplas manifestações em toda a Arménia, cuja maior voz veio de Nikol Pashinyan, e cujo movimento político venceu as eleições parlamentares seguintes (de Waal, 2018).

apoio ao presidente azeri, Ilham Aliyev, assim como uma confiança generalizada numa eventual 'vitória final'.

Em 27 de setembro de 2020, o Azerbaijão lançou uma operação em larga escala no sudeste da LdC, mas que rapidamente se alastrou à sua totalidade. Mesmo com alguma vantagem geográfica arménia e karabakhi em Nagorno-Karabakh, os azeris quebraram essa lacuna, utilizando principalmente *drones* adquiridos a Israel (*Hirop e Hermes-900*) e à Turquia (*Bayraktar TB-2*) (Freire, 2022; Rossiter & Cannon, 2022), assim como aviões *F-16* turcos deixados no Azerbaijão, depois de exercícios militares realizados no mês anterior (Miarka, 2021).⁹ Ao longo dos 44 dias, morreram cerca de 8.000 pessoas, e 110.000 arménios e karabakhis saíram das suas casas, enquanto as três tentativas de cessar-fogo negociadas pelo Grupo de Minsk falharam. Em 9 de novembro, após a conquista azeri de Shushi, a 12km da capital karabakhi Stepanakert, Vladimir Putin negociou diretamente com o primeiro-ministro arménio e o presidente azeri, obtendo dos dois um acordo para o cessar-fogo, que entrou em vigor às 00h00 de 10 de novembro.

O acordo estabeleceu, para além do cessar-fogo, que a Arménia deveria retirar as suas forças militares das regiões ocupadas desde 1994, e devolver ao Azerbaijão o controlo das mesmas; que o Azerbaijão poderia manter os ganhos militares conseguidos em Nagorno-Karabakh e que Baku iria garantir a segurança do corredor de Lachin, a via que liga diretamente Karabakh ao território arménio; o regresso dos deslocados internos e refugiados ao território, a ser supervisionado pelo Alto-Comissário das Nações Unidas para os Refugiados; a troca de prisioneiros de guerra, reféns e detidos; e a abertura de todos os corredores na região, pelo que a Arménia deveria garantir a segurança dos corredores que ligam o Azerbaijão ao seu exclave de Nakhichevan, a serem reforçados com a construção de um novo corredor (Rácz, 2021). Por fim, o acordo seria supervisionado por uma força de paz russa, constituída por 1960 efetivos, a serem distribuídos ao longo da LdC em Nagorno-Karabakh e do corredor de Lachin, por um período que durará até novembro de 2025, com possibilidade de extensão, que terá que ser consentida pelos dois beligerantes, até seis meses antes do fim do prazo (Rácz, 2021). Ficou igualmente estabelecida a construção de um centro de monitorização do cessar-fogo, gerido por efetivos russos, mas aos quais se juntaram, mais tarde, forças turcas (Rácz, 2021). Apesar de constituir uma reviravolta estratégica, não existiu uma alteração do *statu quo*, dado que a questão central – o estatuto final de Nagorno-Karabakh – não foi resolvida (Rácz, 2021).

O acordo não sanou por completo a violência. A nova LdC atravessa Karabakh de uma forma que divide estradas, localidades, infraestruturas e propriedades, colo-

9 Os rumores do envolvimento turco aumentaram quando se suspeitou que Ancara estaria a facilitar o trânsito de combatentes sírios para o teatro de operações (de Waal, 2021).

cando civis na linha de fogo. Adicionalmente, ainda se localiza um número elevado de minas nas zonas recuperadas pelo Azerbaijão, e cujo mapeamento não foi totalmente facultado pela Arménia ou pelo governo *de facto* de Karabakh (ICG, 2022b). Com efeito, os episódios de violência têm sido mais ou menos recorrentes e, desde o início de 2022, terão morrido mais de 300 pessoas, entre militares e civis (ICG, 2022a; Vartanyan et al., 2022), resultando igualmente em conquistas parciais de território por parte do Azerbaijão (ICG, 2022b). A Arménia argumenta que o Azerbaijão se encontra a testar as defesas arménias e karabakhis em preparação para novas incursões. Do outro lado, acusa-se a Arménia de não ter retirado todas as suas forças de Karabakh, que acusam de reforçar posições defensivas no território. A missão russa, cuja dimensão foi reduzida em 300 efetivos, enfrenta renovadas oposições (ICG, 2022b), nomeadamente no Azerbaijão, que a acusa de permitir o reforço de posições arménias (OCMedia, 2022a). O crescimento de um certo sentimento anti-russo foi agravado pela sua invasão da Ucrânia, e ameaçou a estabilidade da aliança Rússia-Arménia, devido às consequências internacionais da posição equidistante de Yerevan relativamente ao conflito, e à sua forte ligação económica e política com Moscovo, que a levou a tomar o seu lado em alguns *fora* internacionais (de Waal, 2022; Grigoryan, 2022). Do lado azeri, a ainda considerável ligação económica com Moscovo, e o seu papel atual no Nagorno-Karabakh, deixaram Baku numa posição complexa, apesar de ter disponibilizado ajuda humanitária à Ucrânia (de Waal, 2022; Huseynov, 2022a; 2022b). Estas circunstâncias tornam as bases do cessar-fogo instáveis, e os recentes confrontos enaltecem o caráter interestatal do conflito, assim como a sua volatilidade.

O estado dos intervenientes

Tendo revisto a história deste conflito e as circunstâncias relativas à guerra de 2020, passar-se-á agora a uma análise mais detalhada dos atores atualmente mais relevantes, por forma a entender as dinâmicas do *statu quo*.

A Arménia, derrotada na guerra de 2020, adotou um discurso mais conciliador relativamente à resolução do conflito, tendo o primeiro-ministro, Nikol Pashinyan, afirmado recentemente que esta não representa uma questão de território, “mas sim de direitos” (de Waal, 2022). Com efeito, o posicionamento arménio relativo ao conflito demonstrava sinais de alterações antes de 2020. Apesar de, inicialmente, Pashinyan deter uma posição nacionalista (de Waal, 2021), a colocação do combate à corrupção, e da reforma aos setores judicial e policial como grandes prioridades, acabou por colocar o conflito num segundo plano (Miarka, 2021). Contudo, o mau desempenho militar arménio em 2020 colocou Yerevan numa posição substancialmente mais frágil. Se, antes, os dirigentes arménios podiam fazer uso da situação no

terreno para obter concessões do Azerbaijão, atualmente, esta vantagem negocial desapareceu. Isto causou uma mudança de discurso, desaparecendo a reivindicação do direito à autodeterminação da população karabakhi, e mantendo-se a questão da manutenção dos direitos religiosos, culturais e linguísticos do território.

No ângulo externo, as circunstâncias que rodearam o cessar-fogo demonstraram não apenas a impotência arménia, como também a sua dependência face à Rússia, enaltecendo problemas na abordagem de Yerevan para com Moscovo. Primeiramente, o foco do governo arménio no combate à corrupção foi mal recebido pelo Kremlin¹⁰, tanto no âmbito das relações bilaterais, como também porque estas políticas foram ativamente apoiadas pela União Europeia (UE) (Miarka & Łapaj-Kucharska, 2021). Adicionalmente, o reforço da parceria Arménia-UE incrementou a suspeita da Rússia relativamente à política externa de Pashinyan (Miarka & Łapaj-Kucharska, 2021). De facto, o principal objetivo externo do primeiro-ministro arménio era o reequilibrar das suas relações externas, pelo que tinha de acautelar à enorme dependência económica e energética para com a Rússia¹¹ (German, 2022; Sukiasyan, 2021). Militarmente, a dependência arménia face à Rússia, o seu principal fornecedor, ao abrigo da sua aliança na OTSC¹², tornou igualmente perigoso qualquer desvio de política externa, principalmente para o Ocidente¹³, considerando que o equipamento conferido à Arménia era usado para a defesa de Karabakh, mas também o facto de serem tropas russas a patrulhar a fronteira arménia com a Turquia e o Irão, e de Moscovo deter uma base militar no país (em Gyumri) (Lanskoj & Suthers, 2019), interligando assim as opções de política externa de Yerevan com a integridade da autonomia karabakhi e a sua própria integridade territorial.

10 Destacam-se, assim, a investigação ao ex-presidente arménio, Robert Kocharian, e a detenção do então Secretário-Geral da Organização do Tratado de Segurança Coletiva (OTSC), Yuri Khachaturov, tidos como próximos de Moscovo (Sukiasyan, 2021, pp. 2-3)

11 Com efeito, 80% do mercado energético arménio é controlado por Moscovo, por via da Gazprom (German, 2022; Sukiasyan, 2021). Economicamente, 95% do comércio com a União Económica Eurasiática (UEEA) é realizado com a Rússia, que é também a fonte da maioria das remittências dos emigrantes arménios, totalizando cerca de 7,7% do PIB arménio (Sukiasyan, 2021).

12 Fundada em 1992, constitui uma organização de defesa coletiva, composta pela Arménia, Bielorrússia, Cazaquistão, Quirguistão, Rússia e Tadjiquistão. O seu tratado fundador – o Tratado de Segurança Coletiva –, no seu Artigo 4.º, contém uma cláusula que define que uma agressão contra um dos signatários constitui uma agressão contra todos os signatários (de forma semelhante ao Artigo 5.º da Carta do Atlântico Norte). Contudo, a cláusula só poderá ser usada caso o Estado seja atacado dentro do seu território, o que não aconteceu com a Arménia na guerra de 2020 (Miarka, 2021).

13 Para os efeitos deste artigo, ‘Ocidente’ pretende aqui referir-se ao conjunto das instituições políticas, político-militares e económicas de âmbito europeu ou euro-atlântico, como a UE ou a OTAN.

Esta interligação evidenciou-se em 2020, quando a Rússia manteve um comportamento equidistante relativamente aos confrontos. Mesmo considerando o *modus operandi* de Moscovo no conflito (de Waal, 2021), tal não explica, totalmente, o desinteresse demonstrado relativamente aos pedidos de ajuda da Arménia, inclusive em sede da OTSC, onde invocou o Art. 4º, e ao qual a Rússia respondeu com a entrega de armas, sem declaração de apoio formal, levantando questões sobre o grau de compromisso de Moscovo para com o seu aliado. Para de Waal (2021), a ‘frieza’ da Rússia poder-se-á justificar com a suposta inflexibilidade de Pashinyan em visitar o denominado ‘Plano Lavrov’, com origem em 2016, e que incluía a entrega das regiões ocupadas ao Azerbaijão, a reabertura de linhas de comunicação e a colocação de forças russas de manutenção de paz na região. Acionando a agenda anticorrupção e a aproximação à UE, poder-se-á supor que a Rússia pretendeu, com a sua estratégia, reafirmar a sua relevância para a Arménia. Neste ponto, dever-se-á ressaltar a opinião de Miarka (2021), de que, nas manifestações populares após a derrota arménia, existiu a perceção de que o foco quase exclusivo do governo em se aproximar da UE causou a falta de assistência russa.

Refletindo nestas manifestações, o seu início teve lugar após a assinatura do cessar-fogo, interpretado pelos manifestantes como uma ‘traição’ à nação arménia, não apenas pela assinatura, como também devido às falhas logísticas demonstradas no apoio às forças karabakhis (Miarka, 2021). Como mencionado, a população arménia vê a questão de Karabakh como um ‘segundo 1915’, onde arménios se encontram cercados por ‘turcos’ (de Waal, 2010). Por isso, este assunto será sempre sensível para a nação arménia, especialmente o setor mais nacionalista, que Pashinyan tentou apaziguar quando foi eleito. Foi neste contexto interno, incluindo uma tentativa gorada de golpe de Estado, em março de 2021, que o primeiro-ministro anunciou a realização de eleições antecipadas, cujo partido voltou a vencer de forma contundente, em junho do mesmo ano. A renovada maioria de Pashinyan conferiu-lhe legitimidade para negociar com o Azerbaijão (de Waal, 2022), pelo que a grande incógnita é, neste momento, se conseguirá convencer a população arménia de que os ganhos de uma paz, ainda que sem garantias de autonomia da população karabakhi, superarão as perdas que o país teria com a continuação do conflito, especialmente quando este se encontra atualmente na fronteira arménia.

Importa, antes de ver a posição azeri, analisar a situação de Karabakh, cuja existência enquanto entidade autónoma ficou em risco depois de 2020. Para além da essencial intervenção russa, em novembro, a insatisfação karabakhi com o discurso conciliador de Pashinyan causou uma aproximação política e económica entre o território e a Rússia (de Waal, 2021). Internamente, as autoridades *de facto* viram as suas capacidades substancialmente dirimidas. Antes do conflito, a entidade era autossuficiente ao nível de produção energética, por meio de 36 centrais hidroelétricas. Atualmente, apenas seis destas ficaram fora do controlo azeri, que passou

igualmente a fornecer eletricidade ao território (Askerov & Ibadoghlu, 2022). A segunda principal fonte de rendimentos – atrás do setor mineiro –, a agricultura, foi severamente afetada depois da conquista azeri de 96.000 hectares de terra arável, ficando agora parcialmente dependente de abastecimento russo (Askerov & Ibadoghlu, 2022). Como resultado, a economia karabakhi terá reduzido para um quarto da sua anterior capacidade (ICG, 2021). Adicionalmente, os confrontos causaram a fuga de aproximadamente 110.000 pessoas de Karabakh, das quais uma parte enfrenta atualmente a impossibilidade de regressar às suas casas, em territórios recuperados pelo Azerbaijão. Enquanto alguns regressaram a Karabakh, outros vivem na Arménia, com o apoio e financiamento do Estado e de algumas organizações não-governamentais (ICG, 2021). A posição das autoridades locais tornou-se imprevisível, evidenciando-se a perda de poder de negociação, dado que, caso pretenda trocar a pretensão de independência por garantias de direitos religiosos, culturais e linguísticos, não é provável que o Azerbaijão aceite esses termos, especialmente quando, ao nível militar, apenas não conquistou o território devido a uma ação atempada da Rússia. Por outro lado, o próprio discurso de Ilham Aliyev antevê que qualquer autonomia para Karabakh estará fora das opções azeris, neste momento.

Focando no Azerbaijão, a sua vitória em 2020 denotou três importantes tendências. Primeiramente, o efeito da vitória na população azeri foi substancial, verificando-se um aumento de voluntários para o exército (de Waal, 2021), que já se notava durante os confrontos, e que evidencia a consolidação de algum nacionalismo na sociedade azeri, pelo menos no que a Karabakh diz respeito. A ressurgência do nacionalismo poderá estar relacionada com a ressurgência de um ‘pan-turquismo’ na Turquia, que será analisado adiante. Contudo, e independentemente dos motivos populares, o êxito na guerra “levantou do (...) país uma maldição nacional com 30 anos” (de Waal, 2022), conferindo ao governo de Aliyev renovada confiança, depois de alguns meses marcados por alguma insatisfação popular na esfera económica, nomeadamente com o aumento do desemprego e a subida dos preços dos bens (Miarka, 2021). Desta forma, Aliyev obteve renovada confiança e espaço de manobra interna no que toca a Karabakh e à resolução, pacífica ou violenta, do conflito.

Segundamente, a guerra denotou o crescimento da aliança turco-azeri. Esta revestiu-se de especial importância ao nível militar, considerando o treino concedido por oficiais turcos às forças azeris, e a transferência de equipamento militar para as forças armadas do país (de Waal, 2021). Ao nível político, a proximidade entre os dois países é comprovada pela ideia, partilhada por ambos, de que são ‘dois Estados, uma nação’ (Saari, 2021). Aliyev, enquanto criticou a OSCE pelo seu falhanço relativamente à resolução do conflito, tentou colocar, sem sucesso, a Turquia como um dos co-presidentes do Grupo de Minsk, algo que beneficiaria ambos, colocando um aliado do Azerbaijão na co-presidência, e elevando o estatuto regio-

nal da Turquia. Mesmo o falhanço das três tentativas de cessar-fogo patrocinadas pelo Grupo de Minsk, durante os confrontos, poderá ser atribuído à influência turca que, na opinião de Suskiasyan (2021, p. 6), “demonstrou a intransigência da Turquia em concordar com qualquer acordo (...) sem o seu consentimento e reconhecimento do seu estatuto regional”. Tal ficou igualmente comprovado pela aprovação de uma gestão conjunta, entre a Rússia e a Turquia, do centro de monitorização do cessar-fogo.

Em último, a vitória azeri contribuiu para a consolidação do seu posicionamento como ponte entre a Europa e a Ásia. Por exemplo, no que à UE diz respeito, a invasão russa da Ucrânia, a imposição de sanções a Moscovo e o corte no abastecimento energético a vários países da União levaram Bruxelas a iniciar uma procura por fontes alternativas de abastecimento energético (PLANAPP, 2022). Neste sentido, e considerando os objetivos energéticos da União a longo prazo (de Waal, 2022; Rato, 2022), o Azerbaijão e os seus gasodutos¹⁴ revestem-se de especial importância para a segurança energética da UE (PLANAPP, 2022) e, inclusive, para a política geral da UE para o Cáucaso Sul (Simão, 2018). Um outro importante exemplo concerne a China, cuja cooperação com o Azerbaijão se revela de particular importância para o seu projeto *Belt and Road*¹⁵, no sentido de criar um corredor que reduza dependências daqueles a Norte e a Sul (Babayev & Ismailzade, 2020; German, 2022). Estes dois exemplos enaltecem o facto de que a segurança do Azerbaijão se tornou substancialmente maior na última década, o que aumenta a sua importância e da integridade territorial para que os objetivos de atores internacionais se possam atingir. Consequentemente, o Azerbaijão tem aqui uma vantagem substancial que, quando adicionada às restantes tendências enunciadas, lhe confere renovado estatuto regional e maior capacidade de ação. A questão será se o país pretende, com este estatuto, manter a sua posição inflexível relativamente a Karabakh, considerando que o próprio Aliyev afirmou que o mesmo “já não existe como um conceito” (de Waal, 2021, p. 8).

Será pertinente, neste momento, analisar a posição do segundo vencedor da guerra de 2020. Ao apoiar ativamente o seu aliado azeri nos confrontos, a Turquia conseguiu “redesenhar a arquitetura de segurança do conflito arménio-azeri” (Sukiasyan, 2021, p. 6), constituindo-se como o segundo vitorioso do conflito, e concedendo-lhe uma posição regional reforçada *vis-à-vis* Rússia, na disputa e no Cáucaso Sul em geral (German, 2022). Com efeito, o comportamento turco em 2020 evidenciou uma mudança doutrinal na sua política externa, concentrada em tornar a Turquia numa potência independente, e evitando a colagem a qualquer entidade coletiva, como a

14 Principalmente, dos gasodutos *Baku-Supsa* e *Baku-Tbilissi-Erzurum*.

15 Projeto de construção, modernização e ligação de infraestruturas comerciais, energéticas e tecnológicas, por forma a incrementar as ligações entre os mercados chineses e europeus.

Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) ou a UE (Mehmetcik & Çelik, 2022). Esta política externa baseia-se, naturalmente, em elementos de *soft* e *hard power*¹⁶, ambos visíveis na sua política para o conflito. O *soft power* nota-se pela tendência de crescimento do nacionalismo e islão político turcos, interligados com o recrudescimento do ‘Pan-Turquismo’, que havia desaparecido do discurso de Ancara em meados da década de 1990 (Haugom, 2019). Para além do percecionado aumento da influência turca na sociedade civil azeri, ao nível oficial, a Turquia expande o ideal na união túrquica, através de organizações como a União de Estados Túrquicos¹⁷ que, como o nome indica, detém o objetivo de promover uma relação política mais estreita entre estes Estados, mas também com comunidades de língua túrquica presentes, por exemplo, na Rússia e no Irão (Globe, 2021; 2022). Relativamente ao *hard power*, este traduz-se na militarização progressiva da política externa turca, que por si origina, na análise de Mehmetcik e Çelik (2022), da combinação de três fatores interligados – da procura por autonomia estratégica, do seu complexo militar-industrial e da ligação entre a sua política interna e externa. Ao nível prático, isto reproduz-se em ações militares externas, diretas ou indiretas, que têm aumentado progressivamente em termos de escopo e de disponibilidade para colocar ‘botas no terreno’ (Haugom, 2019; Mehmetcik & Çelik, 2022). Adicionalmente, a ascensão da Turquia como uma potência de fabrico de *drones*, utilizados em vários cenários, como o Iraque, Líbia, Síria e, mais recentemente, no Cáucaso e na Ucrânia, “demonstraram o potencial de mudar o equilíbrio militar local (...) e tiveram um impacto assinalável no campo de batalha” (Rossiter & Cannon, 2022, p. 210).

Considerando a ambição de se tornar numa potência regional, com o mesmo grau de influência da Rússia, existe uma intenção de reforçar as suas relações políticas e económicas com os restantes países caucasianos, incluindo a Arménia, com a qual não tem relações políticas. Tal poderá mudar com o fim da guerra de 2020. Como descrito anteriormente, a Turquia fechou as suas fronteiras com a Arménia devido, sobretudo, à ocupação crescente dos territórios azeris. Contudo, a vitória azeri determinou o fim da ocupação arménia e, como tal, da razão subjacente ao bloqueio. Ao retirar pressão de ambos os países, estes iniciaram negociações com vista à normalização de relações bilaterais, pelo que tal processo acelerou no último ano (Vartanyan, 2022). Depois de algumas medidas preliminares, a primeira reunião entre os enviados especiais para a negociação, decorrida em Moscovo, em 14 de janeiro de 2022, determinou que o diálogo decorreria sem condições (Ahmadov,

16 De uma forma simples, *hard power* (poder duro) corresponde às fontes de poder usadas na coerção, enquanto o *soft power* (poder suave) corresponde às fontes de poder usadas para a persuasão (Nye, 2012).

17 Anteriormente designada Conselho de Cooperação de Estados de Língua Túrquica.

2022; Chikhladze, 2022b). Este facto deverá ser salientado, considerando que o outro entrave à retoma destas relações – o reconhecimento turco dos acontecimentos de 1915 como genocídio – poderá ser uma barreira ao progresso deste diálogo, assim como a percepção pública arménia relativamente a Ancara (Bastos, 2013; Chanadiri, 2022). De acordo com o Caucasus Barometer, 45% dos arménios consideram a Turquia o principal inimigo do país, dois pontos percentuais abaixo do Azerbaijão (CaucasusBarometer, 2022), mas mais do dobro que o indicado em 2020 (Caucasus-Barometer, 2020). De acordo com o International Republican Institute, e quando questionados sobre eventuais precondições para o reatamento de relações com a Turquia, 73% dos arménios acreditam que deve existir uma agenda para o reconhecimento turco do genocídio, enquanto 70% acreditam que uma normalização só pode ser possível depois de ser garantida a não-interferência da Turquia na questão de Karabakh (IRI, 2022). Assim, será de esperar que a opinião pública arménia não aceite uma normalização de relações, sem uma abordagem a este assunto, sendo de questionar se esta pressão poderá alterar a posição arménia. Adicionalmente, esta negociação estará também interligada ao processo de normalização de relações entre a Arménia e o Azerbaijão, que será abordado no próximo ponto.

Será relevante retirar destes desenvolvimentos que a Turquia planeia expandir a sua influência no Cáucaso Sul, o que aumentará as tensões com a Rússia, mas também com o Irão. Neste sentido, considera-se pertinente discorrer um pouco sobre a posição iraniana, e os seus fatores subjacentes. A política do Estado iraniano para o conflito, focada numa resolução pacífica, que respeite a integridade territorial azeri e igualmente os direitos da população arménia de Karabakh (Mahammadi & Huseynov, 2022; Pegolo, 2021), insere-se na sua política geral para o Cáucaso. Esta assenta num conjunto de interesses geopolíticos, domésticos e diplomáticos (Pegolo, 2021), sendo relevante enaltecer o interesse na manutenção do seu estatuto regional, que, de facto, constituiu dano colateral da incapacidade do país em influenciar o desfecho da guerra de 2020. Adicionalmente, deve-se elevar o interesse na manutenção de boas relações com a vasta comunidade azeri que reside no país¹⁸. Por fim, o Irão mostra-se preocupado em assegurar a segurança das suas fronteiras, não apenas face à Turquia, mas também a Israel. De facto, Israel tem uma forte ligação com o Azerbaijão, cuja venda de armamento constituiu o principal destaque; ligação esta movida pelas considerações geopolíticas israelitas relativas ao Cáucaso Sul, subsequentemente inseridas na sua política externa geral, no contexto do seu confronto com o Irão (Bishku, 2022). Regressando ao Irão, a incapacidade supramencionada não deverá ser confundida

18 Esta minoria reside, nomeadamente, nas regiões iranianas do Azerbaijão Ocidental, Azerbaijão Oriental, Ardabil e Zanzan, pelo que existem substanciais comunidades em Tabriz, Teerão e Qom, e cuja dimensão se situa entre 15% e 35% da população do país (Pegolo, 2021).

com a sua posição geográfica favorável¹⁹, que deverá ser tida em conta em qualquer análise sobre o Cáucaso Sul.

Em último, e antes de proceder ao estudo das dinâmicas no conflito, analisar-se-á a posição da Rússia. A oportuna intervenção russa, em novembro de 2020, permitiu-lhe retirar ganhos estratégicos consideráveis. Conseguiu colocar ‘botas no terreno’, estando agora presente militarmente em todos os territórios secessionistas no Sudeste europeu²⁰, e, através da sua ação unilateral, conservou o estatuto de mediador na região, afastando o Ocidente de qualquer acordo. Na visão de Moscovo, a segurança da Rússia depende da segurança do Cáucaso Sul (mesmo que tal não signifique a sua estabilidade) (German, 2022). A principal razão para isto advém do risco, percecionado pela Rússia, da influência que países terceiros (nomeadamente a Turquia e o Irão) podem exercer sobre as populações muçulmanas no Cáucaso Norte, que, como demonstrado pela história da Rússia no Cáucaso, detêm uma forte identidade própria e um historial de lutas pela autodeterminação ou independência (Saari, 2021). Subsequentemente, Moscovo teme a desintegração do seu território, determinando assim a sua obsessão com a estabilidade securitária nas suas vizinhanças. De um ponto de vista externo, o seu reconhecimento como principal, senão única, potência na região é determinante para o seu reconhecimento como potência no espaço da antiga União Soviética e, conseqüentemente, como uma grande potência global (German, 2022; Krickovic & Pellicciari, 2021). Assim, no que toca a Karabakh, os seus interesses “tendem a estar mais alinhados com objetivos de paz e segurança gerais” (ICG, 2022b, p. 8), desde que tal paz e segurança consolidem o estatuto russo.

Concentrando nos conflitos ‘congelados’, a prática russa foi a de se constituir como uma parte essencial à sua resolução, prática esta mais complicada no que ao Karabakh diz respeito, dado que a Rússia não tinha apoiado nenhum dos lados. Falhando o objetivo de colocar ‘botas no terreno’, em 1994, Moscovo optou por se constituir como ‘o’ mediador do conflito (como líder *de facto* do Grupo de Minsk). Simultaneamente, a Rússia pretendeu manter um certo nível de estabilidade na LdC, ao fornecer armamento aos dois lados (à Arménia por via da OTSC e ao Azerbaijão por venda direta), e ao fazer uso das suas ligações económicas e políticas para se manter como um parceiro chave dos beligerantes. Esta política resultou durante um quarto de século, mas foi irremediavelmente afetada pela guerra de 2020.

Parece evidente que Moscovo foi parcialmente surpreendido pela guerra, mas também pela influência turca sobre o Azerbaijão. Se a ação unilateral russa, em 9 de novembro, pareceu essencial para a Arménia e para o governo *de facto* de Karabakh,

19 É o único Estado na região com fronteiras com a Arménia, Azerbaijão e o seu exclave de Nakhichevan, tendo sido a única via entre os dois nas últimas décadas.

20 Abcásia e Ossétia do Sul/Tskhinvali (Geórgia), Lugansk e Donetsk (Ucrânia, antes da invasão russa do país) e Transnístria (Moldova).

terá sido ainda mais para a Rússia. Com base na análise efetuada até agora, poder-se-á depreender que a queda de Stepanakert significaria, primeiramente, a derrota final do seu aliado arménio e, conseqüentemente, uma possível rutura de tal aliança, visto que Yerevan não ficaria predisposta a manter uma aliança militar com um Estado que, a seu ver, não a tinha apoiado; para além de significar o eventual fecho da base russa em Gyumri. Adicionalmente, a vitória azeri significaria a vitória da Turquia, que se teria tornado efetivamente uma potência diplomática igual a Moscovo, na região. Estes riscos representam um dilema estratégico para Moscovo, e será do seu interesse que, até 2025, exista, pelo menos, um princípio de acordo de paz. Tal permitiria à Rússia manter uma posição de influência no Cáucaso, assim como retirar ganhos económicos da reabertura de corredores comerciais na região, enquanto, oficialmente, procedia à delegação de responsabilidades regionais para outros atores, principalmente a Turquia (Vartanyan et al., 2022).

Análise do *statu quo*

Tendo analisado as posições dos atores que mais se destacaram no decorrer da guerra de 2020, e no seu rescaldo, proceder-se-á uma análise mais profunda das dinâmicas que marcam atualmente o conflito.

A primeira dinâmica concerne, evidentemente, à própria disputa arménio-azeri. Após a guerra de 2020, esta dinâmica poderá dividir-se em duas tendências que, apesar de contraditórias, caminham paralelamente. A primeira toca às tensões militares que, ao longo da LdC e em alguns pontos da fronteira arménio-azeri, se pautam por constantes trocas de tiros. Com efeito, estes confrontos não constituem uma novidade, mas as circunstâncias territoriais constituem agravantes para o ambiente securitário. A primeira destas é, como descrito anteriormente, a configuração da LdC em Nagorno-Karabakh, que coloca mais próximas as forças armadas dos beligerantes, aumentando a probabilidade de mais mortos. De acordo com o *The Nagorno-Karabakh Conflict: A Visual Explainer*, do International Crisis Group (ICG, 2022a), este ano já terão morrido 321 pessoas, contabilizando civis e combatentes, o que, comparado com o ano anterior (70 mortos), representa um aumento exponencial²¹ (OCMedia, 2022b). A segunda agravante decorre do facto dos confrontos já terem chegado à fronteira arménio-azeri. Tal representa um perigo acrescido por poder precipitar uma nova guerra e, considerando, por exemplo, a aliança da Arménia no contexto da OTSC, a Rússia poderia ser chamada a apoiar mais assertivamente o seu aliado, o que originaria uma escalada regional.

21 A maioria das vítimas mortais resultaram de um período de maior escalada do conflito, no último mês de setembro (OCMedia, 2022b).

Paralelamente a esta tendência surge outra, caracterizada por uma aproximação dos dois lados, no sentido de normalizar as suas relações bilaterais, e de criar uma via para a resolução pacífica do conflito. Estes trabalhos têm sido desenvolvidos com a ajuda da mediação da UE. Alguns dos pontos acordados revestem-se de especial importância, como a criação de uma linha de contacto direta entre os respetivos ministros da Defesa, a salvaguarda dos direitos e segurança da população arménia em Karabakh, e a realização de discussões dedicadas a um acordo de paz, a serem lideradas pelos respetivos ministros dos Negócios Estrangeiros (CE, 2022). Adicionalmente, na reunião da Comunidade Política Europeia, em outubro de 2021, o presidente azeri terá indicado que pretende intensificar o diálogo com o lado arménio e karabakhi, constituindo assim uma rara linha de comunicação entre Baku e Stepanakert. Considerando que Baku sempre recusou falar diretamente com o governo de Karabakh (dado que isso significaria reconhecer a sua autoridade), esta medida poderá significar uma abertura à negociação (Avetisyan & Aghayev, 2022) e, assim, uma via a possíveis cedências, de todas as partes, com vista a uma resolução do conflito.

O conflito é também marcado pela dinâmica de cooperação e competição entre a Turquia e a Rússia. Esta não é, contudo, uma dinâmica exclusiva ao Cáucaso, repercutindo-se nas vizinhanças comuns aos dois países, e resulta, para Secrieru et al. (2021), de várias semelhanças entre os dois. Para os efeitos da presente análise, particularizam-se as suas políticas externas e auto-perceções geopolíticas. Importa sublinhar, por exemplo, a semelhança nas suas culturas estratégicas, onde ambos se veem como centros de gravidade nas relações internacionais (Secrieru et al., 2021). Da mesma forma, “os dois países usam discurso civilizacional para justificar as suas pretensões ao estatuto de grandes potências” (Secrieru et al., 2021, p. 7). Por fim, ambos fazem uso de retórica anti Ocidente, nomeadamente para as suas populações. Estas semelhanças são vantajosas em várias medidas. Para Secrieru et al. (2021), a militarização das respetivas políticas externas acaba por criar um efeito de um certo ‘respeito mútuo’ pelas suas posições, contribuindo para alguma contenção entre ambos, originando situações de alguma cooperação, em que os dois saem beneficiados, como se pode constatar no acordo de cessar-fogo, em 2020, em Karabakh. Aqui, simultaneamente, a Rússia conseguiu colocar tropas na região, e a Turquia obteve uma elevação do seu estatuto e a participação no centro de monitorização do cessar-fogo.

Por outro lado, as semelhanças supramencionadas causam igualmente competição. Por exemplo, a descrição de ambos como pontes entre a Ásia e a Europa, por forma a atrair investimento estrangeiro, mais concretamente da China e da sua iniciativa *Belt and Road*, torna-os rivais diretos (Secrieru et al., 2021). Adicionalmente, os seus discursos civilizacionais e a elevação das suas pretensões de influência, nas vizinhanças comuns a ambos, contribuem para um sentimento de desconfiança, agra-

vado pelo facto de utilizarem o mesmo tipo de ferramentas para atingir os seus objetivos, acabando por significar “não menos, mas mais tensões” (Secieru et al., 2021, p. 14). Por exemplo, a Rússia olha ressurgimentos de sentimentos islâmicos como perigosos, e o da Turquia não representa uma exceção, considerando a origem túrquica de várias populações no Cáucaso Norte, como também o facto de várias dessas populações terem diásporas na Turquia, que podem atuar como amplificadores de eventuais movimentos nacionais (Globe, 2021 & 2022; Saari, 2021).

No Cáucaso Sul, esta dinâmica reproduz-se, assim, e como revisto ao longo do artigo, numa competição direta entre os dois, apesar de nenhum pretender, neste momento, qualquer escalada militar. Por um lado, as movimentações político-militares (aliança com o Azerbaijão), diplomáticas (tentativa de normalizar relações com a Arménia), e económicas (promoção da reabertura de corredores comerciais e alargamento dos mercados) constituem partes de uma estratégia para tornar a Turquia numa potência com estatuto igual ao da Rússia. Do lado russo, se é um facto que a sua intervenção, em novembro de 2020, permitiu a manutenção do seu estatuto *primus in tre pares* na região, as circunstâncias que rodearam tal intervenção, assim como as cláusulas do acordo de cessar-fogo, especificamente o prazo previsto para o fim da missão de manutenção de paz, determinam que tal estatuto poderá não ser sustentável a longo prazo. As tendências regionais, agravadas pelas consequências político-diplomáticas da invasão da Ucrânia, apontam não apenas o fim da missão em 2025, como a um afastamento parcial da Arménia, contingente à normalização de relações com a Turquia e o Azerbaijão, e a um aumento generalizado da influência política e económica da Turquia. Assim, existirá um momento onde a ação de um se irá sobrepor à do outro, e onde as tensões chegarão ao seu maior nível. Contudo, como Saari (2021) perspetiva, e com a agravante da guerra na Ucrânia, Moscovo poderá não estar disposta a investir recursos avultados na ‘frente Sul’, preferindo, assim, delegar responsabilidades regionais à Turquia, se tal lhe garantir vantagens noutras frentes, e se tal permitir um ‘lugar à mesa’ das negociações e diálogo sobre a região. Ambos os países têm substancial, mas não total, capacidade para influenciar a Arménia e o Azerbaijão, e para influenciar o desfecho da questão de Karabakh. Contudo, ambos aparentam aguardar o movimento do outro, à medida que o ímpeto nacionalista azeri, movido pelo governo, mas igualmente pela influência turca, mantém as tensões elevadas, que do lado arménio são vistas como uma ameaça, motivando suspeição e constante preparação para novas incursões azeris. A força de manutenção de paz russa, que perdeu parte da sua base de apoio, parece ser a única barreira a uma nova guerra, assim como um instrumento valioso de Moscovo na região, da qual poderá não estar disposta a prescindir, se considerar a sua posição ameaçada.

De facto, as dinâmicas analisadas encontram-se bastante interligadas, tornando qualquer previsão sobre seu o futuro, de médio e longo prazo, um exercício com-

plexo. Mormente, o conflito parece ter adquirido naturezas centrífugas e centrípetas, ao afetar as ações de atores regionais e causar ações reforçadas desses atores na realidade do conflito, num ciclo que se sustém a si próprio.

Conclusão

Pretendeu-se, com este artigo, analisar o *statu quo* do conflito no Nagorno-Karabakh, através de um estudo das dinâmicas dominantes nesta disputa. O fulcro deste conflito permanece intacto desde a primeira guerra, preservando e mesmo multiplicando os ressentimentos entre as populações arménia e azeri, que influenciam as opções políticas de Yerevan e de Baku, que as usaram para cimentar os seus poderes políticos e, ao mesmo tempo, alimentar os ressentimentos, através de posições políticas mutuamente exclusivas. As ligações internacionais surgem através de potências regionais, nomeadamente a Rússia e a Turquia, que pretendem manter ou aumentar, respetivamente, a sua influência na região, influenciando o conflito diretamente e indiretamente, por meio dos beligerantes, por si inseridos dentro da dinâmica acima referida. A guerra de 2020, ao alterar a situação operacional, mas não o *statu quo* político, contribuiu para o aumento de tensões. Simultaneamente, observou-se o aumento do envolvimento de atores externos no conflito, que influenciam as dinâmicas de competição, mas agora, igualmente, de cooperação, que atuam lado a lado e se afetam mutuamente. Numa atualidade marcada por uma guerra que evidencia alterações profundas no sistema internacional, por meio da multiplicação de fraturas geopolíticas e da diversificação de ameaças, a situação no Nagorno-Karabakh poderá ser um ‘dano colateral’ destas fraturas. Contudo, existem indícios de que uma resolução pacífica do conflito pode acontecer. No início do artigo, foi indicado que existiu uma altura em que nem arménios, nem azeris nutriam hostilidade para com o outro, e se os ressentimentos atuais destas duas populações representam forças capazes de influenciar o poder político, então a possibilidade de uma paz que garanta os direitos e a segurança de arménios, de e fora de Karabakh, e azeris, assim como a possibilidade de ambos poderem viver na região, deve ser aproveitada, num caminho para uma verdadeira reconciliação.

Referências

- Ahmadov, N., 2022. Turkish, Armenian Special Representatives Push for Normalization of Relations. *Eurasia Daily Monitor*, 24 janeiro, 19(5).
- Askerov, A. & Ibadoghlu, G., 2022. The Causes and Consequences of the Second Karabakh War: September 27, 2021–November 10, 2021. Em: M. H. Yavuz & M. M. Gunter, edits. *The Nagorno-Karabakh Conflict: Historical and Political Perspectives*. Nova Iorque: Routledge, pp. 245-271.
- Avetisyan, A. & Aghayev, I., 2022. *EU observer mission agreed as Pashinyan and Aliyev meet in Prague*. [Online] Available at: <https://oc-media.org/eu-observer-mission-agreed-as-pashinyan-and-aliyev-meet-in-prague/> [Acedido em 8 outubro 2022].
- Babayev, B. & Ismailzade, F., 2020. Azerbaijan's Contribution to the Chinese Belt & Road Initiative. *GCRF COMPASS Policy Brief*, 13 maio, pp. 1-10.
- Bastos, L., 2013. A reaproximação política entre a Turquia e a Arménia segundo o pensamento de Hannah Arendt. *Relações Internacionais*, dezembro, Issue 40, pp. 197-207.
- Bishku, M. B., 2022. Israel's Foreign Policy toward the Karabakh Conflict. Em: *The Nagorno-Karabakh Conflict: Historical and Political Perspectives*. Nova Iorque: Routledge, pp. 366-380.
- Broers, L., 2015. From “frozen conflict” to enduring rivalry: reassessing the Nagorny Karabakh conflict. *Nationalities Papers*, 43(4), pp. 556-576.
- Broers, L., 2016. *The Nagorny Karabakh Conflict: Defaulting to War*, s.l.: Chatam House – The Royal Institute of International Affairs.
- CaucasusBarometer, 2020. *In your opinion, which country is currently the main enemy of Armenia?* [Online] Available at: <https://caucasusbarometer.org/en/cb2019am/MAINENEM/> [Acedido em 19 agosto 2022].
- CaucasusBarometer, 2022. *In your opinion, which country is currently the main enemy of Armenia?* [Online] Available at: <https://caucasusbarometer.org/en/cb2021am/MAINENEM/> [Acedido em 19 agosto 2022].
- CE, 2022. *Press statement by President Michel of the European Council following a trilateral meeting with President Aliyev of Azerbaijan and Prime Minister Pashinyan of Armenia*. [Online] Available at: <https://www.consilium.europa.eu/en/press/press-releases/2022/05/23/press-statement-by-president-michel-of-the-european-council-following-a-trilateral-meeting-with-president-aliyev-of-azerbaijan-and-prime-minister-pashinyan-of-armenia/> [Acedido em 5 agosto 2022].
- Chanadiri, N., 2022. *Armenia-Turkey Normalization Process: Opportunities and Barriers*, Tbilissi: Georgian Foundation for Strategic and International Studies.
- Chikhladze, T., 2022b. Prospects for the Latest Rapprochement Attempt between Turkey and Armenia. *Caucasus Analytical Digest*, Issue 128, pp. 7-10.
- de Waal, T., 2010. *The Caucasus: An Introduction*. Nova Iorque: Oxford University Press.

- de Waal, T., 2016. *Prisoners of the Caucasus: Resolving the Karabakh Security Dilemma*. [Online] Available at: <https://carnegieeurope.eu/publications/?fa=63825> [Acedido em 5 agosto 2022].
- de Waal, T., 2018. *Sometimes Armenian Protests Are Just Armenian Protests*. [Online] Available at: <https://carnegieeurope.eu/2018/04/23/sometimes-armenian-protests-are-just-armenian-protests-pub-76161> [Acedido em 2 julho 2022].
- de Waal, T., 2021. The Nagorny Karabakh Conflict in its Fourth Decade. Issue CEPS Working Paper N° 2021-02.
- de Waal, T., 2022. Nagorno-Karabakh in the Shadow of Ukraine: What Russia's War Means for Armenia and Azerbaijan. *Foreign Affairs*, 30 maio.
- Fazendeiro, B. T., 2022. Condições para Conflito no Mundo Pós-Soviético: Comparando a Rússia na Europa de Leste e na Ásia Central. *Nação e Defesa*, agosto, Issue 162, pp. 9-24.
- Freire, M., 2022. Duas Décadas Passadas: Olhar o Futuro Próximo da Conflitualidade Armada. *Revista Nação e Defesa*, abril, Volume 161, pp. 33-47.
- German, T., 2022. Russia and the South Caucasus: The China Challenge. *Europe-Asia Studies*, pp. 1-20.
- Globe, P., 2021. Moscow Worried by Ankara's Expansive Vision of 'Turkic World'. *Eurasia Daily Monitor*, 16 novembro, 18(174).
- Globe, P., 2022. As War Rages in Ukraine, Turkey Expanding Its Soft Power in North Caucasus. *Eurasia Daily Monitor*, 9 junho, 19(86).
- Grigoryan, A., 2022. Armenia's Attempts of Maneuvering Amidst the Russian-Ukrainian War. *Eurasia Daily Monitor*, 24 março, 19(41).
- Guliyev, F. & Gawrich, A., 2021. OSCE mediation strategies in Eastern Ukraine and Nagorno-Karabakh: a comparative analysis. *European Security*, 30(4), pp. 569-588.
- Haugom, L., 2019. Turkish foreign policy under Erdogan: A change in international orientation?. *Comparative Strategy*, 38(3), pp. 206-223.
- Huseynov, V., 2022a. Azerbaijan and Russia Sign Declaration on Allied Cooperation. *Eurasia Daily Monitor*, 25 fevereiro, 19(25).
- Huseynov, V., 2022b. Amidst Russia-Ukraine War, Armenia Seeks to Normalize Relations With Turkey. *Eurasia Daily Monitor*, 5 abril, 19(47).
- ICG, 2021. *Post-war Prospects for Nagorno-Karabakh*, Bruxelas: International Crisis Group.
- ICG, 2022a. *The Nagorno-Karabakh Conflict: A Visual Explainer | Crisis Group*. [Online] Available at: <https://www.crisisgroup.org/content/nagorno-karabakh-conflict-visual-explainer> [Acedido em 16 11 2022].
- ICG, 2022b. *Nagorno-Karabakh: Seeking a Path to Peace in the Ukraine War's Shadow*, Bruxelas: International Crisis Group.

- IRI, 2022. *Public Opinion Survey: Residents of Armenia*. [Online] Available at: file:///C:/Users/joaoor/Downloads/Armenia-Final-PPT_31.01.2022_Eng.pdf [Acedido em 19 agosto 2022].
- Krickovic, A. & Pellicciari, I., 2021. From “Greater Europe” to “Greater Eurasia”: Status concerns and the evolution of Russia’s approach to alignment and regional integration. *Journal of Eurasian Studies*, 12(1), pp. 86-99.
- Lansky, M. & Suthers, E., 2019. Armenia’s Velvet Revolution. *Journal of Democracy*, 30(2), pp. 85-99.
- Mahammadi, M. & Huseynov, V., 2022. Iran’s Policies Toward the Karabakh Conflict. Em: M. H. Yavuz & M. M. Gunter, edits. *The Nagorno-Karabakh Conflict: Historical and Political Perspectives*. Nova Iorque: Routledge, pp. 381-401.
- Mehmetcik, H. & Çelik, A. C., 2022. The Militarization of Turkish Foreign Policy. *Journal of Balkan and Near Eastern Studies*, 24(1), pp. 24-41.
- Miarka, A., 2021. THE 2020 AUTUMN WAR IN NAGORNO-KARABAKH: COURSE AND IMPLICATIONS FOR THE STRATEGIC BALANCE OF POWER IN THE SOUTH CAUCASUS REGION. *Asian Affairs*, 52(4), pp. 826-851.
- Miarka, A. & Łapaj-Kucharska, J., 2021. Armenian foreign policy in the wake of the Velvet Revolution. *European Politics and Society*, pp. 1-14.
- Moreira, C. D., 2007. *Teorias e práticas de Investigação*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa.
- Nye, J., 2012. *O Futuro do Poder*. Maia: Círculo de Leitores.
- OCMedia, 2022a. *Explainer | What happened in Armenia and Azerbaijan on 13–14 September?* [Online] Available at: <https://oc-media.org/features/explainer-what-happened-in-armenia-and-azerbaijan-on-13-14-september/> [Acedido em 16 setembro 2022].
- OCMedia, 2022b. *Worst fighting since end of Second Nagorno-Karabakh War*. [Online] Available at: <https://oc-media.org/worst-fighting-since-end-of-second-nagorno-karabakh-war/> [Acedido em 16 setembro 2022].
- OSCE, 1995. *Mandato dos Co-Presidentes do Grupo de Minsk*. [Online] Available at: <https://www.osce.org/files/f/documents/f/f/70125.pdf> [Acedido em 9 agosto 2022].
- OSCE, 2022. *OSCE Minsk Group*. [Online] Available at: <https://www.osce.org/mg> [Acedido em 13 11 2022].
- Pegolo, V., 2021. The Impact of the Nagorno-Karabakh Conflict on the Middle East Region: Iran’s Policy of Strategic Retreat and the Dangers of a New Geopolitical Game in the Caucasus. Em: *The Geopolitics of Iran*. Singapore: Springer Nature Singapore Pte Ltd., pp. 567-598.
- PLANAPP, 2022. *Desafios Europeus na substituição do gás natural importado da Rússia*. [Online] Available at: https://planapp.gov.pt/wp-content/uploads/2022/05/NRP_04_Desafios-

- europcus-na-substituicao-do-gas-natural-importado-da-Russia.pdf [Acedido em 10 agosto 2022].
- Rác, A., 2021. In *Russia's Hands: Nagorno-Karabakh after the ceasefire agreement*. *EUISS Conflict Series, Brief 8*, abril, pp. 1-8.
- Rato, V., 2022. A Geopolítica da Energia. *IDN Brief: Segurança, Sustentabilidade e Autonomia Energética da Europa*, setembro, pp. 2-3.
- Ripsman, N. M., 2011. *Neoclassical Realism*. [Online] Available at: <https://doi.org/10.1093/acrefore/9780190846626.013.36> [Acedido em 12 11 2022].
- Rose, G., 1998. Neoclassical Realism and Theories of Foreign Policy. *World Politics*, 51(1), pp. 144-172.
- Rossiter, A. & Cannon, B. J., 2022. Turkey's rise as a drone power: trial by fire. *Defense & Security Analysis*, 38(2), pp. 210-229.
- Saari, S., 2021. Russia and Turkey in the Post-Soviet Neighbourhood: Uneasy Tango. Em: *Fire and Ice: The Russian-Turkish partnership*. s.l.:EUISS Chaillot Paper 168. Junho, pp. 29-40.
- Secrieru, S., Saari, S. & Bechev, D., 2021. Russia and Turkey compared: Conflictual camaraderie. Em: *Fire and Ice: The Russian-Turkish partnership*. EUISS Caillot Paper 168, pp. 6-16.
- Simão, L., 2010. Engaging Civil Society in the Nagorno Karabakh Conflict: What Role for the EU and its Neighbourhood Policy?. *MICROCON Policy Working Paper*, Volume 11, pp. 1-37.
- Simão, L., 2018. *The EU's Neighbourhood Policy towards the South Caucasus: Expanding the European Security Community*. s.l.:Palgrave Macmillan.
- Souleimanov, E., 2013. *Understanding Ethnopolitical Conflict: Karabakh, South Ossetia and Abkhazia Wars Reconsidered*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan.
- Sukiasyan, N., 2021. Appeasement and Autonomy: Armenian-Russian relations from revolution to war. janeiro, Issue EUISS Brief 2.
- Vartanyan, O., 2022. *Türkiye, Armenia Take Tentative Steps toward Normalisation*. [Online] Available at: <https://www.crisisgroup.org/europe-central-asia/caucasus/armeniat%C3%B5Crkiye/turkiye-armenia-take-tentative-steps-toward-normalisation> [Acedido em 1 agosto 2022].
- Vartanyan, O., Göksel, N., Shiriyev & Zaur, 2022. *Turkey-Armenia Talks Hold Promise of Opening Long-Shut Border*. [Online] Available at: <https://www.crisisgroup.org/europe-central-asia/caucasus/armenia/turkey-armenia-talks-hold-promise-opening-long-shut-border> [Acedido em 12 agosto 2022].
- Zürcher, C., 2007. *The Post-Soviet Wars: Rebellion, Ethnic Conflict, and Nationhood in the Caucasus*. Nova Iorque: New York University Press.